

O DIA EM QUE A TERRA PAROU

Abordagens diferentes

Dois filmes, o mesmo título e premissa, mas contextos distintos

LENILDO GOMES
Especial para o Caderno 3

Em 1951, o diretor Robert Wise ainda era bem mais conhecido pela indicação ao Oscar de montagem por "Cidadão Kane". Nos Estados Unidos, o democrata Harry Truman cumpria seu segundo mandato como o 33º presidente da nação norte-americana. O quadro político mundial apontava claramente para a bipolarização do mundo entre o capitalismo e o socialismo russo. A doutrina Truman encontrava-se a pleno vapor e o cinema havia se solidificado como um dos principais (senão o principal) meio de propagação do "american way of life", ou seja, o estilo de vida americano.

Nesse período, a produção cinematográfica já conhecia as primeiras experiências no campo da ficção científica, partindo do revolucionário Méliès com o seu "Viagem à Lua" (1902), passando por Fritz Lang ("Metrópolis", 1927), "O Homem Invisível" (de James Whale, lançado em 1933), indo de encontro aos efeitos especiais em "King Kong" (de Merian C. Cooper, 1933), "A Ilha do Dr. Moreau" (Erle C. Kenton, 1933), "Daqui a Cem Anos" (William Cameron Menzies, 1936), "O Médico e o Monstro" (Victor Fleming, 1941), dentre outros.

Contexto

A tecnologia e seus artefatos colocados a serviço da Sétima Arte chegavam ao ápice da ausência de limites que poderiam ser colocados à serviço da criatividade, ou, segundo os teóricos da Escola de Frankfurt, essa mesma tecnologia significaria o fim da arte. Com o cinema, arte por excelência reprodutiva e tecnológica, não seria diferente. Evidentemente, o contexto político da Guerra Fria e o medo do extermínio completo da humanidade por conta de um possível conflito nuclear entre as duas maiores potências mundiais completava a atmosfera ideal para o clima que o filme de Wise pretendia criar. Com tudo isso, "O Dia Em Que a Terra Parou" estreou provocando a seguinte reflexão: afinal, a vida humana valeria a pena ser preservada?

No filme de Wise, a chegada da Klaatu e seu robô Gort é cercada de apreensão, medo e perplexidade. O suspense criado pela música, as imagens do sis-



AVANÇOS TECNOLÓGICOS: além dos contextos diferentes, as duas versões de "O Dia em que a Terra Parou" diferem pelo uso de efeitos especiais

tema solar e o aparecimento do objeto redondo e claro sobrevoando o planeta nos fazem, mesmo vendo o filme agora, esperar pela aparição dos seres que descem triunfantes a rampa que sai do disco voador.

A mídia dá ampla cobertura ao acontecimento. As pessoas vão às ruas e cercam o objeto que aterrizou em um parque da cidade. A curiosidade, o porquê da vinda daqueles seres ao nosso planeta é aguçada pela negativa de Klaatu em revelar seus motivos. Para ele, tal informação só seria possível mediante a presença de todos os líderes

mundiais. Por todos os lugares, permanece a perplexidade, e as inúmeras teorias sobre a forma e os motivos ganham enorme diversidade. Em determinado momento, uma família diante da TV comenta: "Gente o que? Eles são democratas!". A Indústria Cultural teorizada pelos frankfurtianos encontrava-se no seu apogeu.

Clichê

2009. O mundo comemora com euforia a volta de um presidente democrata ao comando de sua maior nação. Obama representa, para alguns, a redenção e a esperança de que dias melhores virão. Scott Derrickson, que dirigira anteriormente "O Exorcismo de Emily Rose" (2005), apresenta ao mundo sua releitura do clássico de Robert Wise.

Se no filme de 1951 as fragilidades humanas são expostas na forma da ambição, do egoísmo e da intransigência, na refilmagem de Derrickson, as preocupações ambientais tornaram-se o mote principal da ameaça à vida no planeta. A releitura, nesse caso, remete igualmente aos principais problemas do mundo atual.

A onda democrata - impossível não lembrar aqui do documentário "Uma Verdade Inconveniente" (2006) - por um lado, é a principal marca do contexto político dos tempos atuais, por outro, reafirma a pauta do meio ambiente e da responsabilidade social como das mais importantes para a própria sobrevivência dos movimentos políticos. Keanu Reeves, que inter-

preta Klaatu nesse remake, chega ao planeta para tentar salvar a humanidade de uma tragédia ecológica que colocaria fim à vida como hoje é conhecida.

A mensagem final do filme de Wise remete ao questionamento sobre a possibilidade humana de administrar de forma racional seus problemas. As divergências políticas que levariam ao conflito nuclear poderiam ser evitadas se nós, humanos, desenvolvêssemos a capacidade de sermos senhores de nosso próprio destino.

Derrickson e seu Klaatu vivido por Reeves talvez não tenham, a seu favor, um contexto tão favorável ao clima que seu filme poderia criar. Óbvio que a degradação ambiental poderá levar ao caos completo da vida no planeta. Entretanto, um roteiro que por diversas vezes não esclarece muito alguns fatos da presença de Klaatu e Gort contribui para tal enfraquecimento. No mais, uma atuação razoável de Reeves, associada ao fato do filme proporcionar a lembrança do clássico de Wise, acabam mesmo sendo o que de melhor a refilmagem possa oferecer. No fim, é quase inevitável para a indústria cinematográfica não construir mais um clichê: a humanidade, violenta, também ama e por isso merece uma segunda chance. ■

Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará, pesquisador e realizador em audiovisual. Atualmente, coordena a Escola Pública de Audiovisual da Vila das Artes e é professor do curso de Comunicação Social da Faculdade Evolutiva.

É...

cultura@diariodonordeste.com.br

NENO CAVALCANTE



Linha doida

Espanto, e enorme, causa-me (e de há muito) a obsessão das autoridades em pôr soda cáustica no Shopping Chão que funciona na Praça da Sé. Ora, o centro da cidade transformou-se num espaço ocupado plenamente pela economia popular. E tal a mim me parece irreversível. Geram-se ali, na informalidade, milhares de meios de sobrevivência. Se os feirantes não pagam impostos, não há, por outro lado, os grandes sonegadores? Ora, não deparo a mesma sanha contra os que ocupam a Beira-Mar e a Praia do Futuro, onde se vêem barracas luxuosas, com espaços cercados.

Mais

Consultei um de meus botões - especialista em "Daqui não saio, daqui ninguém me tira" - e o tal botão, com o sarcasmo que lhe é peculiar, alertou-me para o fato de que, em verdade, não pode haver uma "Fortaleza Bela", com um comércio que, ao ar livre, expõe, aos olhos dos turistas, uma estética só encontrável nos figurinos das bandas de forró. Existe tal aberração nas ruas de Londres ou nas de Paris?

Ainda

Ar livre? Estética de bandas de forró? Ora, meu caro botão, você, por acaso, andou assistindo a esses programas... - Não terminei a frase, pois, como sempre, o tal botão recolheu-se a uma de suas casas, deixando-me, de súbito, à minha mão o livro: "O vermelho e o negro", de Stendhal. Não lhe entendi a louçania do gesto. Também quem me mandou ter tão-somente o Diploma do Curso de Datilografia?



Na Assembléia

- Vossa Excelência nunca ocupou a tribuna? - Já, uma vez! - O que dissestes? - Senhores, sou inocente!

Nos jornais

"Bandidos assaltam de paleto". Ora, grande novidade!

Nota 10

"Tin Gomes cancela férias e assume vice-prefeitura". É, ou não é, trocar um ócio por outro?

Cara & coroa

Em São Paulo, a Polícia Rodoviária Federal se recusa a fazer a segurança onde há cobrança de pedágios, alegando que tal compete aos donos do empreendimento e não aos órgãos públicos. Ainda bem que tal não ocorre aqui, quando há eventos particulares nas praias ou nos estádios. Cidadania é isso. Quer dizer. Acho.

gando que tal compete aos donos do empreendimento e não aos órgãos públicos. Ainda bem que tal não ocorre aqui, quando há eventos particulares nas praias ou nos estádios. Cidadania é isso. Quer dizer. Acho.

Lusitânia

- Manuel, tu sabias que virão capitais de toda a Europa aqui para Lisboa? - Ora, pois, onde é vamos abrigar toda essa gente de Paris, de Londres, de Madri, de Roma...?

Dicionário

Estatística: mágica que faz com que você ganhe R\$ 10 mil; eu, R\$ 2 mil; e a gente viva os dois com R\$ 6 mil.

SOBREMESA

➔ Guia Prático do Cara-de-Pau: Lição XXV - "Num lançamento de livro de desenhos" - A mim me parece o traço por sobre o branco da folha de papel uma transmutação da alma. Haviam ou não os primitivos as pedras? Duma feita, eu mesmo houve a oportunidade de expressar-me num simples guardanapo, esquecido numa mesa de bar. Picasso fez lá os seus rabiscos, o mesmo dir-se-ia de Rafael. Nesse livro, o que vejo trescala sensibilidade, perluastra o mar da memória. Bem dizia o meu professor de Latim: "Accessit huic patellae... dignum operculum". (Essa vasilha encontrou a tampa digna dela.) Com licença!

➔ De Machado de Assis: "...mas eu observei que a adulação nas mulheres não é a mesma coisa que a dos homens. Esta orça pela servilidade; a outra confunde-se com afeição. As formas graciosamente curvas, a palavra doce, a mesma fraqueza física dão à ação lisorjeira da mulher uma cor local, um aspecto legítimo. Não importa a idade do adulado, a mulher há de ter sempre para ele uns ares de mãe ou de irmã, ou ainda de enfermeira."

Coluna redigida interinamente por Carlos Augusto Viana

SERRA GRANDE HOTEL
O MELHOR DE SUAS FÉRIAS

VENHA CURTIR SUAS FÉRIAS NUM AMBIENTE AGRADÁVEL E TRANQUÍLO COM PASSEIOS ECOLÓGICOS, TRILHAS, CACHOEIRAS E PISCINAS.

PROMOÇÃO
ADQUIRA 3 DIÁRIAS E GANHE 1

DIÁRIAS A PARTIR DE
R\$ 107,00 CASAL

SERRA GRANDE HOTEL
BR-222 - Km 311, Tianguá - Ceará
Fone: (88) 3671.1818 / Faxe: (88) 3671.1477
www.serragrandehotel.com.br

PROMOÇÃO VÁLIDA ATÉ 31/01/2009

360573534

TEVEIRO

SEGUNDA A SEXTA: 22-10

TV DIÁRIO
09:30 / 12:10

360529279